

JUÃO DE FIBRA, MESTRE ARTESÃO DE REFERÊNCIA CULTURAL: ENTRE O RECONHECIMENTO E A RECOMPENSA, UM LONGO CAMINHO

Essa entrevista apresenta o pensamento, as experiências e trajetórias de vida e profissional do Mestre Artesão de Referência Cultural Juão de Fibra, um artista brasileiro nascido em Varjota no Ceará no ano de 1970, hábil na arte do trançado em fibras vegetais. A entrevista objetiva proporcionar aos leitores reflexão sobre as contribuições do Mestre para a difusão dos saberes tradicionais, valorização do patrimônio natural e cultural, importância dos processos criativos para o artesanato e sua inserção nas cadeias produtivas. Ao longo da entrevista “Juão de Fibra, Mestre Artesão de Referência Cultural: entre o reconhecimento e a recompensa, um longo caminho” também buscamos refletir sobre o papel das instituições no fortalecimento do artesão e do artesanato de identidade nacional, os desafios enfrentados para que o reconhecimento do Mestre seja recompensado financeiramente e sobre o uso sustentável dos recursos naturais.



Juão de Fibra, Mestre Artesão de Referência Cultural, em seu ateliê no Novo Gama, Goiás. Foto: Maylena Clécia.

Èrika Barretto Fernandes Cruvinel

Doutora em Ecologia. Professora titular do Instituto Federal de Brasília (IFB, Brasil).

erika.cruvinel@ifb.edu.br

Karla Danielle Lima Pereira

Bacharel em Sociologia. Discente do curso licenciatura em Educação Profissional no Instituto Federal de Brasília (IFB, Brasil).

danielleuece2010@gmail.com

A entrevista com o Mestre Artesão de Referência Cultural João de Fibra (Imagem 1) é fruto do registro oral realizado em dois períodos, abril de 2017 e dezembro de 2019, durante os encontros com o artista para o desenvolvimento da pesquisa *Mãos que pintam, mãos que tecem: o Cerrado na obra de Mário Salluz e João de Fibra*, e elaboração do livro *Cerrado em cores e tramas* publicado pela Viva Editora (ISBN 978-85-63520-12-8), ambos desenvolvidos com o fomento da Fundação de Apoio à Pesquisa do Distrito Federal (FAP-DF) - Edital nº 08/2016 (Seleção Pública de Propostas de Pesquisa Histórico-Documental sobre Memória, Identidade Cultural e Patrimônio Material e Imaterial de Brasília).

Essa entrevista que, embora apresente o pensamento, as experiências e trajetórias de vida e profissional do Mestre Artesão de Referência Cultural João de Fibra, também traduz a realidade de muitos artesãos Brasil afora. Ao longo do texto buscamos ser fiel ao modo de expressão do artista, sua linguagem e coerência de ideias, e proporcionar ao leitor um espaço para a reflexão sobre as contribuições do Mestre para a difusão dos saberes tradicionais, valorização do patrimônio natural e cultural, importância dos processos criativos para o artesanato e sua inserção nas cadeias produtivas. Ao longo da entrevista “João de Fibra, Mestre Artesão de Referência Cultural: entre o reconhecimento e a recompensa, um longo caminho” também buscamos refletir sobre o papel das instituições no fortalecimento do artesão e do artesanato de identidade nacional, os desafios enfrentados para que o reconhecimento do Mestre seja recompensado financeiramente e sobre o uso sustentável dos recursos naturais.

João Gomes da Silva é artista plástico autodidata nascido em Varjota no Ceará no ano de 1970. Sua mãe, D. Mariana Gomes da Silva, era artesã. Seu pai, Seu Raimundo Pereira da Silva, era pescador. Em meados dos anos de 1970 a família migrou do Nordeste para o Centro-Oeste em busca de melhores condições de vida se estabelecendo em Brasília no Distrito Federal.

Ainda em tenra idade, durante longas caminhadas pelo Cerrado, a sensibilidade artística e paixão pelas fibras vegetais afloraram. Aos 13 anos o jovem artista já experimentava transformar as matérias primas naturais, generosamente ofertadas pelo Cerrado, em arte. Pelas mãos inquietas de João, cipós se transformavam em guirlandas e folhas em flores. Aos 19 anos se encantou pelo trabalho de D. Antônia (Lopes de Oliveira), precursora do trabalho com as fibras vegetais do Cerrado e, à luz de lamparina, passou uma noite desfazendo e refazendo a peça da artesã até descobrir todo o processo. Por isso, reconhece que D. Antônia é a sua inspiração e sua mestra!

João é curioso e perspicaz. Passou a vida experimentando, criou suas próprias ferramentas de trabalho e desenvolveu técnicas para a coleta, o preparo, o beneficiamento e o armazenamento das fibras vegetais. Desenvolveu vários tipos de trançado, sempre buscando valorizar as técnicas tradicionais que aprendeu com sua mestra e se notabilizou no ofício de artesão. Pela sensibilidade e criatividade o artista transforma matérias primas vegetais em um *mix* de peças orgânicas e elegantes. Peças utilitárias como os cestos, as bolsas e as ecojoias, e decorativas como as esculturas, as mandalas e os presépios, todas impregnadas de afeto, sentidos e significados.

Dotado do anseio de ver perpetuado seu conhecimento e imbuído do forte desejo de transformar vidas por meio do artesanato, o artista perdeu as contas de quantas pessoas capacitou Brasil afora, a maioria mulheres em situação de vulnerabilidade social. Por tudo isso, é reconhecido em vários municípios e estados brasileiros como Mestre Artesão de Referência Cultural. Em 2019 recebeu o título nacional e se tornou um Mestre reconhecido em seu país.

O trabalho do homem simples e emotivo, de conversa fácil, fala doce, sorriso largo e gargalhada frouxa chegou às instituições de apoio ao artesanato. João ouviu muitas críticas ao seu trabalho,

PALAVRAS-CHAVE

**Artesanato;
fibras vegetais;
patrimônio
natural;
patrimônio
cultural.**

PALABRAS CLAVE

**Artesanía; fibras
vegetales;
patrimonio
natural;
patrimonio
cultural.**

KEYWORDS

**Artcraft; vegetable
fibers; natural
heritage; cultural
heritage.**

**Recibido:
08/06/2020**

**Aceptado:
24/07/2020**

acolheu com atenção cada uma delas e melhorou seus produtos dia-a-dia porque sempre perseguiu a perfeição. Confessa que muitas vezes se aborreceu com as inúmeras idas e vindas às instituições que o apoiaram, mas reconhece que foram fundamentais para o aperfeiçoamento do seu trabalho. Assim, João Gomes da Silva virou o Mestre Juão de Fibra.

Juão fala de seu trabalho com afeto e entusiasmo, mas recorda que para chegar onde chegou foi muita luta. Juão ouviu muitas vezes que trançar capim não dava futuro a ninguém e por diversas vezes pensou em desistir. Mas, o Mestre Juão de Fibra é realmente de fibra, persistiu e resistiu porque sempre acreditou na grandiosidade de sua arte!

A arte que esteve diversas vezes no Salão Internacional de Turismo, no Salão Internacional do Artesanato e na Casa Cor, e que ganhou o mundo pelas asas da LokalWear, Rede Artesol, Loja Artiz, Casa de Alessa e Revista Casa Vogue.

Arte que compôs a exposição “No mundo das tramas de Juão de Fibra” no Museu Vivo da Memória Candanga em 2017 durante as comemorações dos 60 anos do Hospital Juscelino Kubistechek de Oliveira (HJKO), primeiro hospital da Capital Federal do Brasil. Arte que fez Juão de Fibra figurar entre os dez melhores artesãos do Brasil em catálogo elaborado pelo Centro Sebrae de Referência do Artesanato Brasileiro no ano de 2017, ser homenageado durante a maior feira de artesanato da América Latina, a Fenearte 2018 e participar como expositor, palestrante e oficineiro, em 2019, da Exposição Criativos por Tradição no Museu do Meio Ambiente no Jardim Botânico do Rio de Janeiro a convite da Rede Artesol, no mesmo ano em que representou o Brasil em Milão na Itália na maior manifestação internacional do artesanato, a *L’artigiano in Fiera*.

Ao narrar a sua trajetória, Juão de Fibra chama atenção para o fato de que nada teria acontecido sem as plantas do Cerrado e mostra uma enorme preocupação com o manejo dos recursos naturais e a valorização do patrimônio natural e cultural do Cerrado. Em sua narrativa as falas de respeito à natureza são recorrentes e impregnadas de afetos e sentidos. Ao desenvolver seus produtos, o artista alimenta o sonho de ver a valorização do patrimônio natural e cultural do Cerrado. Juão diz que sua arte grita a necessidade de conservação da natureza e da cultura.

1. O nascimento do Mestre

Êrika Fernandes Cruvinel e Karla Danielle Pereira: Como surgiu o seu interesse pelo artesanato com fibras vegetais?

Juão de Fibra: Olha, eu cheguei aqui¹ em 1976. Não tinha casas era só Cerrado². A minha infância foi maravilhosa, eu passava o dia todo no mato. A gente conseguia passar o dia sem ir em casa comer! A gente ficava tomando banho de rio, subindo em cipó e comendo os frutos do Cerrado. Como aqui é um vale, no final da tarde a minha mãe gritava chamando pra vir para casa, o grito ecoava e a gente conseguia ouvir. Tudo isso eu vivi como se fosse uma coisa natural.

Aos 13 anos começou essa questão do imaginar, de criar as primeiras peças, feias, é claro (gargalhada). Mas, já vinham as ideias de criação. Eu olhava para o cipó e já imaginava em transformar em uma guirlanda. Eu olhava pra uma folha e já imaginava aquilo virando uma flor. Mas, eu no Cerrado coletando capim: as pessoas me chamavam de louco. Esse Cerrado que foi destruído para construir a cidade foi o que alimentou minha imaginação, minha inspiração. Foi quem fez que aparecesse as primeiras obras de arte.

Na realidade eu venho de uma família de artesãos. Minha mãe fazia chapéus, esteiras, bernal, balaios, abanos, urupemas e caçuás de palha no Ceará. Mas eu não tenho lembrança disso porque quando chegamos aqui eu ainda era pequeno e ela já não fazia mais. Só descobri isso recentemente quando voltei ao Ceará para visitar um tio avô e resgatar a minha história depois de mais de 40 anos. Então eu penso que isso está no sangue, né? (risos).

EFC e KDP: Como é a sua relação com o Cerrado? Você acabou de dizer que é sua fonte de inspiração.

Juão de Fibra: Ela, hoje, é muito harmoniosa. Mas nem sempre foi assim, no início não era assim. No início eu era agressivo com o Cerrado, eu achava lindo o Cerrado queimando. Eu tacava fogo para ouvir as plantas secas estalando com o fogo dois, três dias. Pra mim era maravilhoso aquilo, mas isso eu era criança.

Ninguém chegou para mim e disse que era importante preservar o Cerrado. Os mais velhos destruíam o Cerrado. Meu pai, por exemplo, foi um dos que mais destruiu aqui. Nos idos de 1970 e 1980 não existiam muros nas casas, os lotes eram demarcados com cercas e toda madeira para fazer as cercas era tirada do Cerrado. Eu acho que era falta de conhecimento, meu pai analfabeto, minha mãe analfabeta. A pobreza aqui era muito grande, você imaginar isso aqui há 30 ou 40 anos! É como se fosse um nada no meio do mundo. Não tinha gás, as famílias cozinhavam com lenha tirada do Cerrado. Quando tínhamos dinheiro para comprar um botijão de gás, tínhamos que ir no Gama³ para buscar. Aí tinha que prender um gancho no botijão e arrastar até aqui. Então aquele gás não podia ser usado para qualquer coisa, só em caso de doença para fazer um chá, por exemplo. Então, o Cerrado por aqui tá destruído quase que totalmente.

Então, quando veio os meus primeiros trabalhos com as plantas do Cerrado eu comecei a mudar o meu pensar. Daí começou a existir uma consciência de preservar, porque eu ia precisar daquilo (imagem 2). Como eu ia tacar fogo no que eu ia precisar? Passei a não prender e não matar passarinho. Comecei a imaginar que aquele passarinho deixou os filhos no ninho com fome e tinha que voltar com o alimento. Hoje eu explico isso para meu neto. Quando ele fala de prender um passarinho eu digo: imagina se seu pai e sua mãe saíssem para trabalhar, pra buscar comida pra vocês, e não voltassem mais? Como você ia se sentir?

EFC e KDP: Com quem você aprendeu o ofício de artesão?

Juão de Fibra: Eu aprendi o ofício de artesão com a minha Mestre D. Antônia (Antônia Lopes de Oliveira). Eu conheci a D. Antônia quando eu tinha 19 anos. Ela era Presidente da Associação de Artesãos do Gama. Quando vi o trabalho dela me encantei, levei para casa um arranjo e passei a noite à luz de lamparina desfazendo e refazendo a trama de seis pernas até aprender o segredo. Daí não parei mais!

Um dia eu estava expondo em uma feira de agricultura familiar e D. Antônia olha o meu trabalho e diz: - Você é meu pupilo. Eu todo emocionado digo para ela: - E a senhora a minha inspiradora.

A D. Antônia, assim como eu, nasceu no Nordeste. Ela é de Garanhuns (Pernambuco) e foi lá, ainda criança, brincando com o capim enquanto cuidava do gado, que ela aprendeu a trançar fibras vegetais. Hoje ela tem 84 anos e tem uma vida dedicada ao repasse de técnicas de trançado. O que aprendi com a D. Antônia foi fundamental para eu chegar onde cheguei. Sou muito grato a ela por tudo. Por onde eu ando levo o nome dela. Ela é a minha referência.

2. Juão de Fibra: um Mestre Artesão perspicaz, visionário e persistente

EFC e KDP: Sobre a divulgação do seu trabalho. Como você vende seus serviços e produtos?



Imagem 1. Mestre Juão de Fibra confeccionando cesto com folhas de buriti (*Mauritia flexuosa*), palmeira típica do Cerrado. Foto: Maylena Clécia.

Juão de Fibra: No começo eu chegava nas pessoas, nas instituições e oferecia o meu trabalho, depois de um certo período as pessoas passaram a me procurar. Você vai nas exposições e você começa a encontrar gestores de políticas públicas que gostam do seu trabalho e te apresentam a outras pessoas do meio. É muito complexo pra mim dizer como surgiu. Só sei que foi muito trabalho até aqui, muita luta. Mas eu não fiz sozinho, tinham as pessoas, os anjos da guarda, os padrinhos, as pessoas que me viam com bons olhos e gostavam do meu trabalho.

Ao longo desse tempo eu fui fazendo meu nome. Hoje ainda recebo muitos convites, mas está mais difícil porque tem mais editais de seleção. Para você fazer um cadastro na Secretaria de Cultura e pegar um projeto tem que ter bagagem.

Uma vez eu participei de um edital na Secretaria de Cultura do Distrito Federal e ganhei 450 horas para ofertar cursos de artesanato, só que eu não executei porque foi na transição de governo e o que assumiu não quis dar continuidade. Saiu no Diário Oficial e tudo, eu poderia ter recorrido na justiça, ter brigado, mas eu acabei não fazendo. Eu até tentei conversar com algumas pessoas da Secretaria de Cultura pra ver se eu conseguia executar essas horas, pois pra mim era muito importante. Foi um trabalho que eu fiquei meses indo na Secretaria, gastei tempo e dinheiro para preparar a documentação. Consegui fazer o cadastro e entregar tudo, participei do edital e ganhei. O projeto era para ensinar várias técnicas de artesanato com capim colônia⁴ em Brasília.

Em 2014 participei da primeira edição do Brasil Original que é um evento que reúne os melhores artesãos do Brasil. Eu vendi tudo que levei. Eu poderia ter ido nas outras edições, mas não me interessa mais participar de uma exposição da Secretaria de Turismo do Distrito Federal, não entendo porque a curadoria deles exige que o artesão leve as peças para serem selecionadas. Acho um absurdo porque isso é tempo, você tem que fotografar as peças e ir lá. Por três anos seguidos eu fui reconhecido e homenageado no Salão de Artesanato como Mestre. A pessoa que está no livro dos mestres não vai levar porcaria numa feira, vai levar coisa de qualidade. Minha arte tem que ser respeitada e ninguém tem que colocar em dúvida o que eu faço.

Não estou começando, já estou no meio da estrada. Há 20, 30 anos atrás, na Rota do Artesanato em Brasília, eu carregava banca e sacola de material para expor na cabeça. Hoje eu não quero isso. Meu negócio é pegar um nicho de mercado chamado decoradores, arquitetos. Porque a minha ideia é montar um grupo de produção e gerar empregos. Pra fazer isso, eu preciso que um arquiteto veja um painel produzido por mim e imagine um teto todo formado de tramas. Imagina quanta mão de obra vai absorver! Não é vender uma pecinha aqui outra acolá, isso não vai resolver meu problema (risos). Então meu foco de divulgação hoje são os decoradores, designers e arquitetos, para isso eu uso muito as redes sociais.

EFC e KDP: O reconhecimento do Juão de Fibra, Mestre Artesão de Referência Cultural, é inquestionável uma vez que a história que você construiu fala por si. Esse reconhecimento tem sido traduzido em termos financeiros da forma que você gostaria?

Juão de Fibra: Essa é uma pergunta muito boa para mim, eu sempre quis que alguém perguntasse e ninguém nunca teve a coragem de perguntar isso de uma forma tão firme. Eu tenho muito reconhecimento de mídia sim. Mas a recompensa financeira eu sinto que não chegou ainda.

EFC e KDP: Por que a recompensa financeira ainda não chegou?

Juão de Fibra: Por que não chegou ainda? - Por vários fatores. Primeiro porque não existia um documento oficial que garantisse esse reconhecimento. Agora tem a carteira nacional de mestre que deve sair nos próximos meses. É um registro nacional como mestre respeitado no país inteiro. Até agora, no Brasil todo, só tem eu e mais dois mestres para receber.

Porque tudo que você faz durante a sua vida como artesão e como mestre são investimentos e isso vai agregando valor as tuas peças. Então, por exemplo, se hoje eu posso vender uma peça a mil reais, a peça

em si não vale mil reais o que vale ali é a minha história, é todo o tempo que eu gastei estudando, é todo o tempo que eu gastei buscando reconhecimento, tudo isso é colocado nessa peça. As vezes se outra pessoa fizer a peça vale 200 reais, mas se for minha vai valer mil.

Talvez vocês me vejam como um ícone do artesanato, mas muita gente estudada que pode me dar oportunidade de melhorar financeiramente não me vê assim. Eu acho que existe um medo do reconhecimento, então preferem fechar os olhos e não reconhecer a gente para que a gente não tenha um valor maior. Acho que falta também um reconhecimento das instituições públicas, como é o caso do Instituto Federal de Brasília (IFB) e da Universidade de Brasília (UnB). Mas eles preferem não reconhecer porque você vem de uma pobreza e para dar um título vai estar te colocando na mesma altura dele que passou a vida toda estudando. As vezes eu me pergunto em que uma pessoa formada é melhor que eu? E eu mesmo respondo: - Se ele ama a profissão talvez seja melhor em termos técnicos, se não ama a profissão ele é pior que eu até como ser humano porque não reconhece o valor do outro.

Eu não fiz apenas pela minha comunidade tudo que eu fiz até hoje, eu fiz por todo um país. Eu andei nos quatro cantos do país, com o meu trabalho eu tirei pessoas da miséria, eu ajudei a pessoas a sair da condição de vítimas e a se inserir no mercado de trabalho. Isso deveria ser valorizado pelas instituições para que não existam tantos mestres que na realidade não são mestres. Há uma diferença em você dar aula pelo amor ao que você faz e dar aula pelo dinheiro.

Muitas das vezes eu dou aulas e oficinas até de graça porque não é o dinheiro pelo dinheiro, mas o fato de eu estar com as pessoas, de ensinar aquelas pessoas e de me orgulhar de ver aquelas pessoas crescerem sem medo delas tomarem o meu lugar porque eu não acredito que esse lugar é meu, ele foi dado por alguma força superior e, pela minha resiliência e insistência em ser artesão e me tornar mestre. Ninguém vai tirar isso de mim!

Outro fator que dificulta é que, só nos últimos anos foi que consolidei uma rede de colaboração. Imagina ter conhecido a Artesol no tempo da D. Ruth Cardoso e ter falado para ela da importância do meu trabalho, muita coisa tinha sido diferente! Imagina se eu tivesse conhecido a Sônia Quintella que é embaixatriz do artesanato há 20 anos! Eu tenho a Sônia Quintella como um anjo da guarda porque ela me ajuda muito. Quando eu fui para a Itália ela mesma direcionou recurso para eu usar com a viagem. É claro que há carinho pessoal no que ela faz por mim, mas há também uma preocupação em como eu vou crescer como Mestre se eu não pudesse participar da *L'artigiano in fiero*.

Só de dez anos para cá eu tive acesso a pessoas que não eram egoístas e que me ajudaram de todas as formas a me tornar um Mestre porque até então ninguém tinha esse interesse. No passado ninguém me alertou porque não era do interesse alertar para que eu não cobrasse mais caro, entende? Então, no passado eu dei muito trabalho meu de graça. Hoje eu sei o valor que eu tenho, eu sei montar o preço de atacado e de varejo, eu sei cobrar o valor do produto desenvolvido e da minha criação.

Outra coisa é que a Lei dos Mestres e Mestras dos Saberes ainda não foi aprovada no Congresso. Com a lei os mestres terão direito a uma pensão vitalícia por terem mantido a cultura viva. Hoje, a maioria se aposenta com o salário mínimo.

3. Contribuições do Mestre Artesão na difusão dos saberes tradicionais

EFC e KDP: A educação não formal ocorre fora do sistema formal de ensino objetivando capacitar profissionalmente os indivíduos e abrir janelas de conhecimento sobre o mundo que o circunda, geralmente os resultados da aprendizagem não são avaliados formalmente. Você é reconhecido Mestre Artesão porque se notabilizou em seu ofício, foi legitimado pela comunidade que representa e porque difunde conhecimentos acerca dos processos e técnicas do ofício artesanal. Como são as oficinas e cursos ministrados por você? Onde essas oficinas e cursos acontecem?

Juão de Fibra: Nas oficinas e cursos eu ensino como coletar e beneficiar a matéria prima (imagens 3 e 4), ensino técnicas de trançado, tingimento e produtos já acabado, por exemplo biojoias, flores, presépios. Também falo do cerrado, das plantas, dos tipos de matérias primas, da necessidade de manejo das plantas para a sustentabilidade do meio ambiente e do próprio artesanato porque aqui no cerrado não temos as matérias primas o ano todo. Mas, tudo depende do interesse de quem contrata o curso ou a oficina e principalmente do público que vai participar. Eu sempre dei oficinas e cursos em feiras de artesanato e a convite do Sebrae⁵, do Senar⁶, da Secretaria de Turismo do Distrito Federal e prefeituras do entorno de Brasília. Já dei curso no Museu Vivo da Memória Candanga, na Cooperativa de Agricultores Familiares Rede Terra em Cristalina, Goiás, no Ministério do Desenvolvimento Social durante a Semana de Saúde e Sustentabilidade.

Mas, foi em 2010, quando fui para o Tocantins através de um projeto coordenado pelo Renato Imbroisi (designer), que tudo deslanchou. Ele me levou para a primeira prova de fogo. Foram as primeiras oficinas fora do Distrito Federal. Eu fui para o Tocantins ensinar vários tipos de trançados com capim dourado porque os artesãos de lá trabalhavam com um tipo só. Eu fui pra ganhar pouco porque não tinha muita experiência de ensinar.

Só esses dois meses no Tocantins daria um livro (risos). Imagina você sair aqui de Brasília e ficar dois meses e sete dias fora, dando oficinas em quinze cidades. Perdi as contas de quantas mulheres capacitei. Eram grupos só mulheres. Tinham grupos com trinta mulheres. Coloca aí por alto, vinte e cinco mulheres vezes quinze grupos. Mas para dimensionar o impacto do trabalho é preciso multiplicar na família porque a mãe faz capim dourado e a filha aprende com a mãe, então ainda multiplica por dois. Por alto, umas setecentas e cinquenta mulheres capacitadas em dois meses.

Fui quase que escravizado por causa desse trabalho (risos). Meu psicológico começou a afetar por causa do tempo, eu não conseguia ficar esse tempo todo fora de casa. E também por conta das condições muito adversas que eu vivi no Tocantins. Alguns lugares não tinham comida normal da gente daqui e eu comia caça, dormia em casas totalmente abertas sem segurança nenhuma, dormia com morcego, era quase treinamento para o exército (risos).

Quando eu voltei do Tocantins, voltei revoltado daquilo. Voltei revoltado, chorei muito e disse que não queria saber dessa vida de jeito nenhum! Mas eu pensava assim: Juão, quando você sair dessa, você não vai mais parar! E foi verdade. E foi assim mesmo. Foi uma experiência muito boa que realmente abriu portas e uns meses depois eu já estava fazendo oficinas em Corumbá no Mato Grosso do Sul. Então aquela revolta acabou (risos). Trabalhei no Mato Grosso do Sul por quase cinco anos, indo duas a três vezes no ano a convite da Secretaria Estadual de Artesanato.

No Mato Grosso do Sul em cada município que eu ia ensinar eu recebia um certificado de capacitador, foi a minha sorte porque uma índia resolveu me processar. Segundo ela eu não tinha capacidade de ensinar e tinha roubado as técnicas do povo Guató. Na realidade eu ensinei novas técnicas de trançado para eles. Fui chamado na Polícia Federal e mostrei



Imagens 2 e 3. Nos curso e oficinas o Mestre Juão de Fibra ensina como coletar e beneficiar o capim coloniãõ (*Panicum maximum*). Fotos: Maylena Clécia.

a carteirinha com o registro da profissão de artesão. Com 23 anos de carteirinha, como eu não tinha a capacidade de ensinar? Além disso, o próprio estado havia emitido vários certificados elogiando meu trabalho e tinha me reconhecido como Mestre Artesão. Então, como eu não tinha capacidade para ensinar? No fim, o processo foi arquivado.

De Corumbá fui pra Bolívia fui fazer um diagnóstico em Puerto Quijarro com as fibras de lá. O governo deu um terreno tipo brejo para os sem teto morar e eu fui lá para ver as possibilidades de desenvolver um trabalho naquela comunidade para que eles conseguissem subsistência a partir do artesanato com fibras vegetais. O diagnóstico ficou pronto, mas na época (2011) a moeda de lá tava fraca e a daqui forte e o governo achou que as capacitações iam sair muito caro.

EFC e KDP: A educação não formal também tem como objetivo abrir janelas de conhecimento sobre o mundo que circunda os educandos. Nesse contexto, como você avalia a importância dos cursos e oficinas que realiza?

Juão de Fibra: A importância é enorme. Por isso é que eu vou em todos os lugares: para mudar a realidade de comunidades em que existe machismo, existe a pobreza. Teve cidades que eu trabalhei que tinha mulheres que apanhavam dos companheiros. Elas passavam o dia quebrando côco e a noite iam para o curso, mas quando chegavam em casa era peia. Eu falava: - Vai no Conselho da Mulher, na Delegacia da Mulher e elas diziam: - Pra quê, professor? Pra apanhar mais? Porque a gente não quer isso. O que eu ensino aos meus artesãos é que eles não sabem o dia de amanhã. Eles não sabem que aprender um tipo de trançado vai refletir lá na frente. Então assim, eu sou suspeito para falar do que sinto como capacitador. Meu trabalho não se restringe a ensinar o artesanato, ele ajuda a pessoa a viver, a mudar o pensamento de que “eu sou coitadinho”, de que “eu sou pobrezinho”, de que “eu não posso”, de que “não consigo”. Você pode tudo! Basta você querer! É isso que me deixa muito feliz.

Ontem eu vi, em uma rede social, uma foto do trabalho de uma designer e lá estava o trançado que desenvolvi e ensinei no Tocantins. Eu fui lá e ensinei muitas coisas e algumas vingaram, outras não. A gente não para muito pra pensar no bem que faz. Não me recordo de todas as coisas que fiz. Mas as coisas boas retornam de alguma forma, batem à porta e dizem: Olha só o bem que você fez lá atrás. É isso que acontece com os cursos e oficinas que ministro.

Por exemplo, eu tenho uma aluna que fala que é muito grata a mim porque ela conseguiu transformar a vida dela através do que aprendeu comigo. Ela me seguiu uns dois anos e todos os cursos que eu ministrava ela estava presente. No entendimento dela eu a fiz descobrir um mundo diferente através do trabalho com as fibras vegetais.

É uma questão de legado que a gente tem que deixar para o mundo. Eu acredito que qualquer pessoa pode ser artesão, alguns afloram e outros não. Tem gente que morre sem sentir o prazer de criar alguma coisa. Eu vejo isso como um dom e esse dom eu não acredito que eu tenha que reter, acredito que isso tenha que ser repassado. Eu vejo esses saberes como transformadores da vida humana e, por isso, é muito importante de serem repassados. Quando paro para pensar, percebo que quando o ensinar e o aprender não são barrados, quando você aprende e não tem medo de ensinar, a vida das pessoas e a sua vida também se transformam. Eu penso que a minha missão de ensinar nunca vai estar cumprida enquanto eu estiver vivo.

4. Contribuições do Mestre Artesão para o fortalecimento do patrimônio natural e cultural

EFC e KDP: Você tem expertise para trabalhar com qualquer tipo de fibra vegetal do Cerrado e de outros biomas. No entanto, ultimamente tem defendido que o artesanato com capim colônia seja uma referência para o Distrito Federal. Porque valorizar o uso do capim colônia mesmo sabendo que se trata de uma espécie exótica?

Juão de Fibra: Sim. Eu trabalho com qualquer fibra. Mas, estamos saturados de capim dourado e de outros tipos de capim. Já deu o que tinha que dar. Então quando aparece um capim novo no mercado, tem mais espaço. A questão é que o colônião só eu trabalho. Ao longo dos anos eu fui me especializando no capim colônião, tanto que eu desenvolvi a emenda que não existia e assim consigo fazer a trama de metro. O colônião é um capim completo, versátil e encontramos em qualquer lugar, até em terreno baldio. O capim do brejo, por exemplo, tem limite, é quebradiço.

O capim dourado é uma referência para o Tocantins, tem toda uma Legislação de proteção que impõe o manejo sustentável para a exploração. No Mato Grosso do Sul tem uma planta chamada aguapé que é a referência do artesanato deles. Aqui no Distrito Federal não temos um capim de referência.

O Distrito Federal é o único lugar do planeta a ter quem faça artesanato com capim colônião. Então a minha preocupação é registrar isso para que outro Estado depois não venha requerer a referência. O capim colônião tem praticamente em todos os estados brasileiros e já ensinei as técnicas em muitos deles. Então vai começar a sair das fronteiras do Distrito Federal, mas aqui foi o início de tudo. Aqui é o berço do artesanato com capim colônião. Foi aqui que as técnicas de coleta, congelamento e tingimento de matéria prima e os diversos tipos de trançado foram desenvolvidas.

Outra coisa, a história do colônião liga a África e o Brasil, tem a ver com a nossa ancestralidade. Ele não é nativo daqui, mas o uso dele ajuda a diminuir o uso dos capins nativos que estão sendo destruídos. Então é sustentável para o meio ambiente, entende?

Imagine isso se espalhar pelo Brasil e se tornar um patrimônio federal. Imagine essa técnica se espalhar pelo Brasil e o Brasil virar referência de artesanato com o colônião.

A princípio o Distrito Federal e no futuro todo o Brasil. Imagina um monte de portas que irão se abrir, que tanto de emprego. Então o artesanato com capim colônião é um patrimônio nosso só que as pessoas não entenderam ainda. Isso eu venho explicando há muitos anos.

EFC e KDP: Como o trabalho do Mestre contribui para o fortalecimento do patrimônio cultural?

Juão de Fibra: O Mestre é alguém que tem um conhecimento que precisa ser passado para outras pessoas e isso acaba fortalecendo o patrimônio cultural. A gente precisa ensinar principalmente aos jovens a desenvolver essas técnicas para que esse trabalho não se perca no futuro. Mas não é uma coisa fácil hoje em dia porque os jovens não se interessam muito por artesanato.

Eu tenho dois filhos. O mais velho é advogado, servidor público, está terminando o doutorado, e não tem nem tempo de pensar em artesanato. O mais novo tem me acompanhado no trabalho e já aprendeu bastante coisa. Sei que por ele o meu legado vai se perpetuar.

No ano passado (2019) eu peguei um trabalho grande para uma pousada, era muito serviço e eu tive que ensinar o ofício a dez adolescentes. Eles trabalham com alegria e falam para mim que são muito gratos por essa oportunidade. Pode ser que algum deles dê continuidade ao trabalho.

O trabalho que eu faço nas comunidades com as mulheres também ajuda a valorizar o patrimônio, né? Eu desejo que as comunidades não deixem o artesanato de tradição morrer para o industrializado.

EFC e KDP: Temos nos interessado pelo pensamento de Maurice Halbwachs sobre os mecanismos de ação da memória coletiva e histórica. Para o autor, mesmo os afetos considerados individuais são por ou para alguém ou alguma coisa e por isso envolvem uma experiência que se realiza em uma dimensão coletiva (Halbwachs, 2017). Você acredita que de alguma forma seus produtos, por si, contribuem para a consciência ambiental por estimular uma memória coletiva?

Juão de Fibra: Penso que a humanidade vai viver de uma forma mecânica. Talvez eu não consiga mudar isso, mas eu sei que o meu trabalho vai. Meu trabalho vai gritar, vai chamar as pessoas à razão. A minha arte vai gritar aos homens para a necessidade de conservar a natureza e a tradição do artesanato (o entrevistado se emociona e a entrevista é interrompida por alguns minutos).

5. Juão de Fibra: Mestre Artesão que acolhe a inovação para valorizar a tradição

EFC e KDP: Até aqui ficou claro a sua preocupação com a valorização do artesanato de tradição. E a inovação? Como a inovação aparece no seu trabalho?

Juão de Fibra: Primeiro pelo desenvolvimento de técnicas de trançado e congelamento de fibras. Poder congelar o capim fez com que eu conseguisse ter produto o ano todo para atender aos clientes, porque aqui no Cerrado nós só temos matéria prima uma parte do ano que é na época das chuvas. Depois, eu sempre estou inovando na concepção do produto, de olho no mercado consumidor. Agora por exemplo eu estou na vibe⁷ de fazer peças com uma pegada mística e sagrada para atender a um público bem específico. Então tenho feito muita mandala, terços, amuletos e esculturas de orixás.

EFC e KDP: O casamento entre designer e artesanato, em uma perspectiva de co-criação e inovação com o propósito de reposicionar o artesanato no mercado consumidor tem se fortalecido bastante nas últimas décadas. Nesse contexto, qual é a sua experiência de co-criação com designers e arquitetos?

Juão de Fibra: Me lembro de ter dito uns anos atrás que eu queria fazer bolsas, mas não sabia como. Sabia que tinha o Renato Imbrosi em São Paulo e eu falei: - eu preciso ir até ele porque ele não vem aqui. Aí o Sebrae pagou 70% da consultoria dele e eu paguei os outros 30%. E eu não tinha dinheiro para hotel, eu falei com uns amigos da hotelaria e arrumei cortesia em São Paulo, e o dinheiro da comida. Fiquei três dias com ele lá em São Paulo para desenvolver a ideia de mosaico em fibras. Ele avaliou as tramas que levei prontas e falou assim: - vamos criar a bolsa.

Quando eu olhei a primeira bolsa que foi criada, pensei: - Que coisa horrorosa! Não vai vender nunca! Quem vai querer comprar uma coisa dessas? Meu Deus eu vim de Brasília para aprender a fazer isso? Mas ele já tinha uma visão lá na frente. Pois o que você acha que está feio, o designer já está além de você. Quando eu cheguei aqui em Brasília com essa bolsa, virou uma loucura! Todo mundo queria a bolsa! Foi um sucesso! Fiz umas vinte e vendi tudo.

O Renato foi um divisor de águas em minha vida. Ele abriu minha mente para as emendas nos trançados e hoje eu faço metros e metros. Tenho muito respeito por ele e inclusive ele tem um livro que seis páginas são dedicadas ao meu trabalho. Eu tenho o Renato Imbrosi como um mestre! Então eu tenho um respeito de mestre por ele. Com o tempo ele me absorveu em sua equipe.



Imagens 4 e 5. Bolsa e painel em trançados com fibras de capim colônião, criação e confecção Mestre Juão de Fibra. Fotos: Maylena Clécia.

Hoje faço parte da equipe dele na área de fibras e sempre que tem projetos cocriamos, recentemente (2017) criamos lustres para a Artefacto.

Depois da bolsa de mosaico eu criei o painel que faz muito sucesso (imagens 5 e 6). Com o painel eu fiz parceria com o arquiteto Ricardo Castelo para a decoração de uma pousada na praia.

Com a designer de Bruna Seve Patko cocriei peças para a montagem da coleção Fibras da Lokalwear. Essa coleção de brincos, colares e pulseiras combina trançado de capim coloniã descolorido com metais coloridos e as formas da arquitetura de Brasília.

Em parceria com a Sônia Quintella cocriamos o Cesto Quintella. Eu já tive muitos produtos em co-criação com vários designers brasileiros, Patrícia Caldas, Catarine Longines em Goiás, Osklen, a Casa Alessa no Rio Grande do Sul, a Casa Violeta em São Paulo. Com a Casa de Alessa eu cocriei uma luminária muito linda. Ano passado eu fui procurado pela Beatriz Navarro que é uma designer de São Paulo que conheceu meu trabalho através da Artesol. Com ela cocriamos cúpulas de luminárias com fibras de buriti.

EFC e KDP: Além da co-criação e inovação, casar designer e artesanato deve ter como foco também a sustentabilidade socioambiental e da cadeia produtiva do artesanato. A partir da sua experiência, como você percebe a sustentabilidade na produção co-criativa do artesanato?

Juão de Fibra: Olha, como eu gosto de cada dia fazer coisas diferentes, eu não gosto de ficar naquela mesmice, então para mim é ótimo achar com quem cocriar. Desde que seja uma coisa justa! Eu entendo a co-criação como sendo um trabalho de parceria, alguém tem a ideia e manda para eu concluir o trabalho. Eu aprendo sobre a ideia, produzo e sou remunerado por isso. Tem também o pessoal para quem eu mando as minhas ideias.

Bem, uma relação sustentável entre o designer e o artesão tem tudo a ver com respeito mútuo. Eu preciso saber respeitar o espaço e as ideias do parceiro porque em muitos casos eu estou trabalhando como técnico de materiais. Mas o designer também tem que respeitar muito a questão do saber fazer, do que se pode fazer e do que eu digo que a matéria prima permite para o projeto.

Para eu repassar tudo que eu sei sobre capim coloniã é o tempo de uma faculdade. Então, essa relação é justa quando o designer reconhece que ele não fez aquilo sozinho e mostra que o trabalho do artesão é muito rico e que o produto não teria o mesmo valor sem ele.

Quando falo de justiça e respeito não é só ganhar muito dinheiro, tipo o que aconteceu entre eu e a Beatriz Navarro. Ela ainda estava terminando a faculdade e não tinha como me pagar a co-criação da luminária então ela se ofereceu para fazer umas fotos maravilhosas e me ajudar com a informática. Ela teve gasto com passagem para ficar uma semana comigo em Brasília, aprender e também opinar sobre o que ela queria criar. Então para mim foi ótimo isso, foi uma troca. Então foi uma co-criação bem justa. E depois disso já estive em São Paulo na casa dela e viramos amigos.

Sobre a sustentabilidade, a gente tem que lembrar que a maioria dos artesãos tem vida humilde e poucos recursos. São pessoas que moram em periferia, em lugares que são esquecidos pela elite. Eu acho que talvez a co-criação seja uma forma de chamar atenção e dizer que na periferia também tem talento. Então é uma forma de sustentabilidade dessas populações, de seus saberes, das tradições e das matérias primas utilizadas. É também uma forma de colocar o produto artesanal na vitrine do mercado consumidor.

A Lokalwear, por exemplo, colocou o meu trabalho na Hungria, nos Estados Unidos e no Egito. De certa forma, isso me projeta e dá sustentabilidade ao meu trabalho.

EFC e KDP: Como as instituições de incentivo ao artesanato e ao artesanato te ajudaram a investir na inovação?

Juão de Fibra: Eu tenho muito a agradecer as instituições públicas. Apesar de eu ser um autodidata, tudo que sou hoje e tudo que construí até hoje foi através dessas instituições, secretarias, institutos e ministérios, ou de pessoas que estavam nessas instituições e que gostavam da minha pessoa ou gostavam do meu trabalho. Essas pessoas abriram minha mente, elas me empurraram para frente. Eu sou muito grato por tudo isso.

Essas instituições não me deram dinheiro, elas me deram suporte na divulgação e comercialização do meu trabalho. Elas apoiaram principalmente o meu aperfeiçoamento, conheci todas as grandes feiras de artesanato, fiz uma turnê pelo Nordeste e uma pelo Centro-Oeste.

Eu tenho talento, mas eu não fiz nada sozinho. Sem o apoio das instituições não teria chegado a lugar nenhum. Eu costumo dizer que sou a prova viva de que os programas sociais e de apoio ao artesanato funcionam.

6. O Mestre trama o futuro

EFC e KDP: Para finalizar, como você imagina o seu trabalho no futuro?

Juão de Fibra: Eu sei que não vou conseguir produzir artesanato por muito tempo. De tanto trançar capim eu já estou perdendo as digitais. Então estou me preparando para viver de palestras e consultorias. Por isso que, para mim, os títulos são muito importantes.

NOTAS

¹ Aqui: O artista se refere ao Novo Gama, cidade do estado de Goiás localizada no entorno de Brasília onde a família firmou residência após migrar do Nordeste para o Centro-Oeste.

² Cerrado: Segundo maior bioma da América do Sul em extensão, ocupa 2.039.386 km² que correspondem a 24% do território brasileiro. Localizado na região central do Brasil compartilha fronteiras com outros biomas no Brasil, Paraguai e Bolívia permitindo o intercâmbio de fauna e flora entre diferentes regiões naturais. É no Cerrado, bioma que faz parte da Amazônia Legal, onde nascem as três maiores bacias hidrográficas da América do Sul (Amazonas-Tocantins, São Francisco e Prata). Outro aspecto relevante é o cultural, uma vez que no bioma Cerrado vivem povos e comunidades tradicionais com identidades, saberes e manifestações sociais próprias (Klink & Machado, 2005; Chaveiro & Castilho, 2007).

³ Gama: Região Administrativa do Distrito Federal-DF, distante do Novo Gama, Goiás, cerca de 10 km. Nos anos de 1970 e 1980 o comércio do Gama fornecia produtos a diversas cidades do entorno, incluindo Novo Gama.

⁴ Capim colônião ou colônhão (*Panicum maximum*): espécie de origem africana trazida ao Brasil principalmente para fins forrageiros e espalharam-se em larga escala (Pivello *et al.* 1999). Características como: grande capacidade de reprodução vegetativa, produção massiva de sementes, ciclo reprodutivo rápido e grande eficiência fotossintética permitem aumentar sua capacidade de competição com as espécies nativa fazendo com que ocupem espaços antes ocupados por gramíneas nativas (Freitas & Pivello 2005).

⁵ Sebrae: Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas que tem como objetivo fomentar o empreendedorismo no Brasil auxiliando as pequenas empresas e microempreendedores individuais. <https://www.sebrae.com.br>

⁶ Senar: Serviço Nacional de Aprendizagem Rural é uma entidade que tem como objetivo organizar, administrar e executar, em todo território brasileiro, a Formação Profissional Rural e a Promoção Social de jovens e adultos que exerçam atividades no meio rural. <https://www.cnabrazil.org.br/senar>

⁷ Vibe: É um termo em inglês que significa vibração em português. O entrevistado utiliza a palavra de maneira informal para dizer de suas inspirações criativas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Chaveiro, E. F. & Castilho, D. (2007). Cerrado: patrimônio genético, cultural e simbólico. *Revista Mirante*, 2(1). Pires do Rio: UEG.

Freitas G. K. & Pivello V. R. (2005). *A ameaça das gramíneas exóticas à biodiversidade*. In V. R. Pivello, & E. M. Varanda (Eds.). *O cerrado pé-de-gigante, ecologia & conservação* (pp. 283-296). São Paulo.

Halbwachs, M. A. (2017). *Memória coletiva* (2ª Ed.). São Paulo: Centauro.

Klink, C. A., & Machado, R. B. (2005). Conservation of the Brazilian Cerrado. *Conservation Biology*, nº 19, 707-713.

Pivello V. R., Shida C. N., & Meirelles S. T. (1999). Alien grasses in Brazilian savannas: a treat to the biodiversity. *Biodiversity and Conservation*, nº 8, 1281- 1294.